

**IDENTIDADES TRANSVERSAIS E ENVELHECIMENTO DO CORPO
FEMININO EM A *OBSCENA SENHORA D.*, DE HILDA HILST**

Jorge Alves Santana (UFG)¹

RESUMO: Pretende-se analisar a narrativa *A obscena Senhora D.*, de Hilda Hilst (1982) no que diz respeito a suas estratégias de representação sobre o processo de envelhecimento e a situação da velhice instaurada. Em uma narrativa híbrida, acompanha-se a protagonista Hillé, que em seus 60 anos, vivencia e reflete sobre sua situação de derrelição - abandono (de onde surge a possibilidade para uma de suas denominações provisórias, já que o *d* do título de tal narrativa é o símbolo possível de uma de suas subjetivações). A protagonista Hillé reflete sobre si mesma, sobre a suposta/possível morte de seu amante mais jovem, sobre as relações com a coletividade de sua cidade provinciana, sobre a ideia da existência de Deus, e, recorrentemente, sobre as transformações psicofísicas pelas quais vem passando, ao perceber que a velhice se instaura no quadro de sua identidade transversal. Assim, acompanharemos como a rostidade da velhice e suas possibilidades de subjetivações transversais são representadas. Basicamente seguiremos as reflexões de Simone de Beauvoir (1990) e Gilles Deleuze e Félix Guattari (1996), no que diz respeito à rostidade, à identidade transversal e às estratégias de subjetivações da velhice dispostas no campo literário.

Palavras-Chaves: Hilda Hilst. Envelhecimento. Rostidade. Identidade Transversal.

Introdução

O processo do envelhecimento, da velhice e do sujeito envelhecido, estrutura o campo vivencial de temática universal, pois todos os seres passam por essa fase em seus desenvolvimentos e, explicitamente ou implicitamente, são obrigados a refletirem sobre ele. No entanto, percebemos que a discussão sobre tal tema ainda não está consolidada em nossa vivência pessoal e social. Há certa interdição ao assunto, o que nos gera incompreensão e angústia quando nos vemos inseridos em contextos nos quais a velhice

¹ Jorge Alves SANTANA. Universidade Federal de Goiás. jorgeufg@bol.com.br

se relaciona diretamente com nossas redes existenciais, como nos aponta a pensadora Simone de Beauvoir², em seu clássico estudo transdisciplinar sobre a velhice.

Nesse quadro, observaremos como os Estudos Literários, em parceria com a Gerotologia, campo dos estudos interdisciplinares e transdisciplinares da Ciência do Envelhecimento, nos oferecem um campo de fruição estética e de reflexão sócio-político-cultural sobre essa fase de desenvolvimento. Para isso, acompanharemos a narrativa *A obscena Senhora D.*, de Hilda Hilst, no que a obra nos apresenta uma protagonista que, ao completar os seus 60 anos, insere-se normativamente no campo da velhice. Se tal obra nos traz um leque de temas instigantes, tais como questões metafísicas, sociais, eróticas, de gênero, de parentalidade, entre tantas outras, nos atentaremos para a questão da identidade feminina envelhecida que vai além do seu insulamento egóico, para atingir a dimensão da identidade transversal, arquitetada por múltiplas e heterogêneas formações discursivas que movem os aspectos da produção do texto literário, do próprio texto e de sua recepção.

A rostidade da velhice normativa

Como o tema em questão é de preocupação universal, sua diacronia também é milenar. Assim, vale a pena começarmos esse estudo com as reflexões do filósofo romano Cícero, que nos pontua os possíveis dissabores da velhice, elencando-os da seguinte forma, além de relativizar cada um dos supostos infortúnios:

Pensando bem, vejo quatro razões possíveis para acharem a velhice detestável. 1. Ela nos afastaria da vida ativa. 2. Ela enfraqueceria nosso corpo. 3. Ela nos privaria dos melhores prazeres. 4. Ela nos aproximaria da morte. [...] A velhice afasta da vida ativa e subtrai dos assuntos públicos? De quais? Daqueles que, sozinho, um homem jovem e vigoroso pode enfrentar? Não há assuntos públicos que, mesmo sem força física, os velhos podem perfeitamente conduzir graças a sua inteligência? [...] A falta de vigor. É segundo inconveniente suposto da velhice. Confesso não sentir essa falta; tampouco quando adolescente eu lamentava não possuir a força do touro ou do elefante. É preciso servir-se daquilo que se tem e não importa o que se faça. [...] Chegamos agora ao terceiro agravo feito com frequência à velhice: ela seria privada de prazeres. Mas que

² BEAUVOIR, 1990. pp. 347-348.

maravilhosa dádiva nos proporciona a idade se ela nos poupa do que a adolescência tem de pior! [...] Resta a quarta razão de temer a velhice, a que desola e acobrunha particularmente as pessoas de minha idade: a aproximação da morte. Ela é incontestável. Mas como é lastimável o velho que, após ter vivido tanto tempo, não aprendeu a olhar a morte de cima. Cumpre ou desprezá-la completamente, se pensamos que ela ocasiona o desaparecimento da alma, ou deseja-la, se ela confere a essa alma sua imortalidade.³

Ao lado dos quatro infortúnios que a velhice poderia nos ocasionar, é reconfortante acompanharmos os esforços que o filósofo possui em demonstrar como essa fase do desenvolvimento humano pode ser positiva, de acordo com a capacidade intelectual, afetiva e educacional que o sujeito possa ter. Assim, a produtividade, o vigor físico, os prazeres e a finitude são colocados em bases processuais nas quais a pessoa possa ter mais condições pragmáticas, para maior controle da qualidade de vida na velhice. Se nem tudo depende das intenções pessoais, no entanto, percebe-se que nossa sociedade esmera-se em construir uma tecnologia para minimizar nossos padecimentos quanto àquelas consequências naturais a que estamos expostos.

Quando entramos no universo ficcional que é *A obscena Senhora D.*, de Hilda Hilst, narrativa publicada em 1982, sentimos que o contexto vivencial da protagonista poderia funcionar como caso exemplar que contraria aquela sabedoria de vida, proposta por Cícero, no ensaio que mencionamos acima. Essa narrativa ficcional, *a priori*, parece se configurar como um profundo quadro de ceticismo e desgosto diante da velhice e dos valores socioculturais que a mantém em parâmetros oficializados de um bem-estar que não existiria aos rés-do-chão pragmático.

A protagonista Hillé, no uso da focalização de narradora-protagonista, nos expressa poeticamente, através principalmente das estratégias do monólogo interior e de do fluxo de consciência, o que seriam seus últimos dias de vida. A narração desse presente é envolta pelas lembranças intensas e recorrentes do que pensa ter sido suas experiências pessoais e sociais, que envolvem sua parentalidade, suas práticas religiosas, seus deslocamentos afetivos e eróticos.

O ceticismo sobre si mesma e sobre o mundo no qual está inserida, é multifacetado pela autoconsciência de sua condição. Para ela, sequer há a possibilidade

³ CÍCERO, 2008. pp. 16-64.

de possuir um nome pessoal e tradicional, pois seu designativo passa a ser a letra “D”, que ela nos explica:

Vi-me afastada do centro de alguma coisa que não sei dar nome, nem por isso irei à sacristia, teófaga incestuosa, isso não, eu Hillé também chamada por Ehud A Senhora D, eu Nada, eu Nome de Ninguém, eu à procura da luz numa cegueira silenciosa, sessenta anos à procura do sentido das coisas. Derrelição Ehud me dizia, Derrelição - pela última vez Hillé, Derrelição quer dizer desamparo, abandono, e porque me perguntas a cada dia e não reténs, daqui por diante te chamo A Senhora D. D de Derrelição, ouviu?⁴

Hillé, ou a Senhora D, conversa imaginariamente com seu companheiro Ehud sobre sua condição de isolamento em sua casa. Mais à frente, saberemos que o jovem rapaz que fora seu amante/companheiro falecera; o que pode ter sido o detonador da densa condição reflexiva e cética dessa senhora que completara os seus 60 anos e parece desejar fazer um diagnóstico do que fora sua vida. No entanto, a relação entre eles ultrapassa a conservadora situação de dependência, pois Hillé possui um mundo interior aparelhado para se esmerar na construção de uma independência radical perante a subjetividade masculina e as demais instituições sociais, que tentam adequar às subjetivações femininas ao que seria uma identidade fixa e submissa.

Quando se vê sozinha em sua casa de uma pequena vila, a personagem assume o estágio de reclusão por opinião própria. Corta os laços sociais com a vizinhança e com as demais instituições dessa vila e recolhe-se ao vão da escada de sua sala e às suas reflexões sobre sua condição humana, sobre os laços possíveis da parentalidade, sobre os alvos de suas afecções, sobre questões metafísicas, principalmente as que dizem respeito à sua relação com o sagrado. Apesar de os moradores da vila insistirem readequá-la aos hábitos consensuais, Hillé prefere manter seu espaço privado inacessível, mesmo que para isso ela tenha de carnavalizar-se nos tais contatos que os outros tentam estabelecer com ela.

De modo um tanto implícito, pois outros temas recorrentes lhe tomam a atenção, vemos que o fato de ter completado 60 anos é uma incidência constante em suas auto-reflexões. Repete-se essa realidade de a velhice ter chegado. E com ela também surge

⁴ HILST, 2001. p. 4.

como que uma necessidade de se colocar frente aos lugares identitários que as significações padrões dessa fase lhe permitem. Vejamos a detecção dessa chegada:

Hoje convivo com Derrelição, com a senhora D, seu grandiloquente lá de dentro, seu sempre ficar à frente de um Outro que não a escuta, posta-se diante Dele de todos os modos, velha idiota. Mãos na cintura, é a hora dos tamancos: então, Porco-Menino, estou aqui em trevas, em miséria, acelerada na veia e na víscera, então, é bom estar a salvo dos piolhentos como eu mesma?⁵

A condição da velhice que chegou é um fato que a protagonista também deve processar para seguir sua jornada auto-reflexiva. E nesse jogo, outras figuras assumirão papel dialógico, que são seu companheiro falecido, Deus e a figura de um Deus criança zoomorfizado, que parece lhe abrir novas expectativas de vida. Seu companheiro e os valores divinos apreendidos em suas antigas relações com a instituição religiosas lhe apontam para o que seria a identidade fixada pela tradição. Sua principal indicação seria a de viver a velhice como a capacidade de perspectiva que suas relações sociais padronizam. Assim, exigem que ela ocupe um lugar social previsível e com o qual as pessoas estão habituadas a se relacionar. Hillé deveria ser uma pessoa velha conhecida, perspectivada e dominada pelos valores e crenças da rede social em que estava inserida. Tal necessidade se acentua mais pela circunstância de que ela pertence à condição feminina. Condição essa que é estabelecida por uma sociedade predominantemente cunhada por valores patriarcais e pela postura discriminadora das possibilidades de condutas ativas e autônomas por parte do sujeito feminino; condição de atividade e de ativismo que os movimentos políticos feministas conseguiram atingir por meio de lutas seculares. Assim, uma linha temática marcante, a da independência feminina, surge na narrativa e exige um tratamento pragmático e democrático no quesito formação, consolidação e desconstrução da rostidade na velhice feminina que se encontraria aparentemente desamparada.

Por rostidade, acompanhamos o que nos ensina Gilles Deleuze e Félix Guattari, quando trabalham na formulação do conceito de identidades transversais:

⁵ HILST, 2001. p. 47.

Uma criança, uma mulher, uma mãe de família, um homem, um pai, um chefe, um professor primário, um policial, não falam uma língua em geral, mas uma língua cujos traços significantes são indexados nos traços de rostidade específicos. Os rostos não são primeiramente individuais, eles definem zonas de frequência ou de probabilidade, delimitam um campo que neutraliza antecipadamente as expressões e conexões rebeldes às significações conformes.⁶

Rostidade, portanto, é o equivalente à personalidade individual e social plasmada por elementos e condições apriorísticos, aqueles dos quais a pessoa deve estar imbuída para ser reconhecida pela realidade social da qual faz parte. Essa personalidade seria composta por características limitadas e de notório reconhecimento pela maioria envolvida no pacto do convívio social. Assim, garante-se relações padronizadas, homogêneas e controladas na cadeia de produtividade dos envolvidos, além de se minimizar ou desconstruir por completo os anseios e as necessidades que a pessoa possa ter em corrigir, recriar ou ir de encontro à ordem social estabelecida arbitrariamente, quando se leva em conta desejos e afecções singulares, de modo diacrônico.

No caso da velhice, os lugares sociais são demarcados de modo sistemático. Aposenta-se, envolve-se nas atividades parentais como reforço econômico e de necessários cuidados para com os seus membros, adequa-se a uma condição físico-afetiva de baixa densidade energética e, imerge-se em uma rede na qual as relações seriam de apoio às falências naturais que essa fase acarreta. Sobretudo, abnega-se à chegada fatal da morte. Tais características marcariam o que seria a rostidade previsível dessa última fase do desenvolvimento humano.

A identidade transversal e os possíveis deslocamentos

Hillé, no entanto, não se enquadra na previsibilidade do lugar subjetivo e social que lhe é exigido e esperado. Rompe principalmente com aquela rede de suporte para o enfrentamento e minimização dos naturais males da velhice. Ao que Hehud, seu companheiro de diálogo auto-reflexivo, retruca-lhe constantemente:

então escuta, aqui na vila me perguntam por você todos os dias, eles me veem trazer o leite, a carne, as flores que eu te trago, querem saber

⁶ DELEUZE; GUATTARI, 1996. pp. 31-32.

o porquê das janelas fechadas, tento explicar que a Senhora D. é um pouco complicada, tenta, Hillé, algumas vezes lhes dizer alguma palavra, você está me ouvindo?
te amo, Hillé, está escutando?⁷

A aparelhagem de manutenção da ordem estabelecida, via intimação e intimidação masculinas, executa seus volteios para dominar a procura pessoal da protagonista. No entanto, ela não se deixa vencer e continua a habitar o vão da escada e a assustar a população ao redor com seus ensaiados surtos de loucura, na qual são evidenciadas questões corporais eróticas e escatológicas. Ao lado disso, executa tarefas que representam seu estado de tentar criar condições para seu devir subjetivo. Deseja e recorta peixes de papel que metodicamente deposita no velho aquário que tem perto de si no entre-lugar, que é o vão da escada. Tais peixes, mais que demonstrarem a eminente destruição psicofísica, parece apontar para um trabalho de criação artística, semelhante ao da narrativa ficcional, capaz de abrir-lhe as portas das percepções no que diz respeito à possibilidade da construção de caminhos de subjetivações alternativas. Ela não se enquadra, portanto, ao papel social de mulher idosa que sua sociedade lhe exige.

A projeção normativa que é alegorizada por Hehud corrobora esse comportamento padrão que se espera e se exige da pessoa idosa, principalmente do sujeito feminino, cultural e politicamente acostumado a viver sob tais imposições. E as exigências do campo social que nos perfaz como sujeitos, campo esse que dificilmente aceita nossas intervenções sobre sua estrutura e funcionalidade estabelecidas, criam realmente um construto vivencial sobre o qual havemos de ter consciência, principalmente no caso da condição do envelhecimento humano e de sua consolidação. Sobre esse campo, a socióloga e gerontóloga Regina M. Prado Leite Erbolato reflete:

Falar sobre relações sociais é falar sobre a vida humana. A vida em sociedade possibilita a sobrevivência do indivíduo e da espécie; por meio dela, aprendem-se formas de comunicação e regras para convívio, adquire-se conhecimento acerca de si e do mundo, dando-lhe significação; enfim, constrói-se uma identidade. Embora, na velhice, já tenham sido aprendidas muitas das habilidades de que se necessita para bem viver, o contato com outras pessoas mantém-se imprescindível. Os outros permanecem potencialmente fonte de

⁷ HILST, 2001. p. 8.

segurança, de amor, de sentimentos de pertencer a um grupo, além de servirem como parâmetros para os indivíduos avaliarem a adequação de seus comportamentos, sentimentos e aquisições.⁸

O conhecimento de si mesma e do mundo, que dialogicamente também configura esse conhecimento, perfazem as significações possíveis para as ações e relações que configurariam a identidade essencial, pragmática e previsível do sujeito que Hillé poderia ser. Essa identidade estaria, pois, de acordo com as normativas do bem-viver consensual do tecido social e dele, por questão ética e moral, não se poderia ou deveria fugir. Os lugares sociais do sujeito produtivo são ocupados, pois, de modo quase natural quando não se atenta para a questão do hábito, que por vezes, não requer consciência de como funcionam e de como foram construídos. Para o envelhecimento normativo, aquele tirado da média da vivência de pessoas idosas de uma comunidade, tais hábitos não são questionados. São vivenciados e se acredita que sejam mecanismos necessários e eficientes para que se alcance o mínimo possível de qualidade de vida que a fase da velhice pode trazer.

No entanto, nossa Hillé, ou a Senhora D. não está satisfeita com o lugar social que lhe exigem. Como mencionamos anteriormente, enfrenta a padronização identitária, como que para assumir sua espontânea identidade transversal⁹, na qual fatores de ordem individual e coletiva atuam de modo não causalista, como ocorre na clássica noção de identidade insulada em si mesma e de estruturação fixa. A protagonista é cheia de dúvidas e parece cultivar com prazer quase trágico essa condição que interroga a si mesma e aos outros, como exemplifica a passagem:

não compreendo o olho, e tento chegar perto.
Também não compreendo o corpo, essa armadilha, nem a sangrenta lógica dos dias, nem os rostos que me olham nesta vila onde moro, o que é casa, conceito, o que são as pernas, o que é ir e vir, para onde Ehad, o que são essas senhoras velhas, os ganidos da infância, os homens curvos, o que pensam de si mesmos os tolos, as crianças?¹⁰

A incompreensão, que o olhar lhe ocasiona, funciona como o motor para deslocamentos existenciais, pelos quais os lugares psico-sociais convencionais da

⁸ ERBOLATO, 2012. p. 957.

⁹ GUATTARI, 2006, pp. 158-159.

¹⁰ HILST, 2001. p. 7.

velhice podem ser ressignificados. Tais deslocamentos podem ser acompanhados na sua quebra de relações sociais na pequena vila e no mergulho em si mesma, para tentar compreender o que mobiliza e imobiliza a potência de seu corpo feminino no início do envelhecimento.

Também, para montar a dinâmica desse enfrentamento psicossocial, observamos que ocorre um processo de identificação com outros seres vivos que são os animais; talvez, pelo fato de que tais seres possam lhe oferecer as propriedades e as possibilidades para a efetivação de outros comportamentos que não apenas os humanos.

Um bestiário impactante, por ser supostamente surrealista, é invocado nesse sentido de opções e variações identitárias. A protagonista vê-se como uma grande porca e carnaliza a figura divina na forma de um menino-porco. Outros animais são convocados para a alegoria de possibilidades libertárias, como podemos acompanhar no fragmento:

Não pactuo com as gentes, com o mundo, não há um sol de ouro no lá fora, procuro a caminhada sem fim, te procuro, vômito, Menino-Porco, ando galo-pando desde sempre búfalo zebu girafa, de repente nos capins resfolegando, sou um grande animal, úmido, lúcido, te procuro ainda, agora não articulo, também não sou mudo, uns urros, uns finos fortes escapam da garganta, agora eu búfalo mergulho, uns escuros.¹¹

O porco, o galo-pando, o búfavo zebu, a girafa quase surgem em dinâmica de fluxo de consciência, sendo que tal estratégia também demonstra o desligamento dos laços rígidos que tentam usar sobre Hillé. Animais que não possuem o lastro doméstico, pois pertence à natureza ainda não dominada pela aparelhagem civilizacional dos seres humanos, abrem novas portas existenciais. Ou seja, tais animais nos dão a alegoria bem pragmática das possibilidades vivenciais libertárias, pois não estão atrelados à condição identitária fixa, quando mobilizados em conjunto e atuando nos processos de subjetivação parcial da protagonista.

A incompletude subjetiva é vislumbrada principalmente na figura do tal menino-porco, que em seu brilho solar e divino, parece substituir a figura divina patriarcal e autoritária, no aspecto de desconstruir os lugares sociais fixos, mesmo

¹¹ HILST, 2001. pp. 10-11.

porque tais lugares já não atendem às satisfações de velhices singulares e excêntricas, como é a velhice de Hillé. Vejamos como essa alegoria exemplifica essa incompletude:

Porco-Menino, menino-porco, tu alhures algures acolá lá longe no alto aliors, no fundo cavucando, inventando sofisticadas maquinarias de carne, gozando o teu lazer: que o homem tenha um cérebro sim, mas que nunca alcance, que sinta amor sim, mas nunca fique pleno, que intua sim meu existir.¹²

A funcionalidade gozosa da pessoa envelhecida é assegurada, paradoxalmente, pela incompletude identitária. Mesmo que seu corpo atinja uma fase marcada oficialmente pela diminuição e fim de sua capacidade psicofísica e de produção social, a subjetividade da protagonista intenta ter o controle sobre a desconstrução da fase em sua dinâmica modelar. Assim, avaliamos como aparentemente cética e autodestrutiva a sua postura diante da necessidade de se viver em grupo, na velhice, e adequar-se aos padrões comportamentais desse grupo.

A morte virá, como de fato chega, para Hillé. Uma morte prematura, já que sua época, apesar de não marcada, permite que a pessoa abeire a condição de centenária. Porém, mesmo precoce, é uma daquelas mortes que o filósofo Cícero, como ilustramos anteriormente, qualifica como gloriosa. Entre a loucura e a razão, entre os desejos pessoais e os desejos de mudança política e social, a protagonista parece compreender sua trajetória de ações e relações, nas quais o olhar alheio nunca esteve ausente, mas sempre constante e em dinâmica dialógica de enfrentamentos.

Conclusão

A obscena Senhora D, expressa, de modo lírico, e também trágico, como se monta uma espécie de representação cultural da pessoa idosa. Ao contrário do que os modelos de adequação social nos ensinam, essa obra sugere novos valores e posturas diante dessa fase da vida humana, a velhice, que pode ser constantemente ressignificada, mesmo nas situações mais adversas.

A velhice normativa é deslocada para o campo do diálogo crítico entre os desejos egóicos e as condições transversais do deslocamento de rostidades, que normalmente inibem a contribuição da pessoa que percebe em si mesma as

¹² HILST, 2001. p. 17.

características múltiplas e heterogêneas que lhe compõe a identidade; sendo que tal identidade é percebida em constante formação, na qual se pode supor a presença de inadequações e adequações funcionais.

Assegura-se, desse modo, as condições culturais e políticas para que pensemos sobre o corpo feminino, e também o masculino em suas naturais e culturais modulações de gênero, que fica frente a si mesmo. O olhar introspectivo da subjetividade em curso acaba por ser também configurado pelos demais olhares que podem interditar, caso não lhe damos a atenção devida, a reconstrução ou remodelação dos lugares sociais que estão ao nosso dispor.

Referências:

BEAUVOIR, Simone. *A velhice*. Tradução de M. H. F. Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

CÍCERO, M. T. *Saber envelhecer e a amizade*. Trad. de Damião de Goes. Porto Alegre: L & PM, 2008.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. Tradução Aurélio G. Neto, Ana L. de Oliveira, Lúcia C. Leão e Suelly Rolnik. Vol. 3. Editora 34: Rio de Janeiro, 1996.

ERBOLATO, Regina M. Prado Leite. “Relações sociais na velhice”. IN. FREITAS, E. Viana; PY, Ligia; NERI, Anita Liberalesso e outros. *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara & Koogan, 2012.

GUATTARI, Félix. *Caosmose*. Um novo paradigma estético. Trad. de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: Editora 34, 2006.

HILST, Hilda. *A obscena senhora D*. São Paulo: Globo, 2001.